

# VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — SETEMBRO 1927

NUMERO 1

## SUMMARIO

Signal de Apito — Carlos D. de Andrade.  
Viagem Sentimental — Edmundo Lys.  
Blóco — T. de Miranda Santos.  
Serão-do Menino Pobre — Ascanio Lopes.  
Inquietação — Emilio Moura.  
Funcção — Martins de Oliveira.  
Samba — Roberto Theodoro.  
Santinha da Encarnação (Conto) e Nocturno  
(Poema) — Guilhermino Cesar.  
O Estranho caso de Matias — Camillo Soares.  
A Cidade e Alguns Poetas e Preludios — Hen-  
rique de Resende.  
Térnura — Francisco I. Peixoto  
Paradoxo — Martins Mendes.  
Um Poema — Oswaldo A Britta.  
Um Poema — Fonte Bôa.  
É Preciso Paz na Arte Moderna — Rosa-  
rio Fusco.  
Notas de Arte e Outras Notas.

## APRESENTAÇÃO

**R**EMY DE GOURMONT costumava dizer que se as discussões literarias interessassem ao povo, haveria tantas guerras mortíferas — entre intellectuaes, quanto as guerras civis e religiosas. Interessante, não acha você? Pois é. A principio parece paradoxo. Mas não é paradoxo nem cousa nenhuma. É, simplesmente, uma verdade. Sim, senhor, uma grande verdade!

\* \* \*

Esse negocio occorreu-nos á memoria a proposito do apparecimento deste primeiro numero da nossa revista, VERDE.

«Apparecemos para um publico que não existe». Vamos ser incompreendidos e criticados. E' certo. Mas, que esse publico ainda virá a existir, é certo tambem. É certo e é um consolo... Portanto, conversar muito é bobagem!

Somos novos. E viemos pregar as ideas-novas da Nova-Arte.

E só.

E está acabado.

E não precisa mais.

\* \* \*

Abrasilizar o Brasil—é o nosso risco.  
P'ra isso é que a VERDE nasceu.  
Por isso é que a VERDE vae viver.  
E por isso, ainda, é que a VERDE vae morrer.

\* \* \*

Ponto. Leitor camarada: muita honra e muito prazer em conhecê-lo. Disponha.

## A CIDADE E ALGUNS POETAS

Eis aqui uma coisa velhissima: nós, os poetas brasileiros, com excepção minima de alguns senhores de avariado gosto, já nos cançamos de receber o que nos tem chegado, em materia de arte, pelo correio de Paris.

Mas, apesar dessa coisa velhissima, até agora poeta nacional ainda não houve, sobretudo de ha uns vinte annos para cá, que não imitasse, decalcasse ou mesmo copiasse o sr. Albert Samain — este melancolico francez que vem regando ininterruptamente, com os seus inevitaveis repuxos, os desolados jardins da poesia brasileira.

Se não foi Samain, com os seus repuxos e respectivos tanques, quase sempre de marmore polido, foi Rodenbach, debruçado, a choramingar, sobre os canaes de Bruges, ou Mallarmé, com o bimbalar dos seus carrihões de bronze antigo.

E quando saíssemos de Mallarmé, Rodenbach, ou de Samain, esbarrar-nos-iamos, por força, com o sr. Paulo Verlaine, a desfilar o seu rosario nos fundos de uma igreja qualquer de Paris.

Todo mundo sabe disso, mas convem repisar.

Passada e repassada a dita turma, sem falarmos sequer nos respeitaveis macetões do parnasianismo, tão do agrado do sr. aca-